

O CONTATO EURO-INDÍGENA VISTO ATRAVÉS DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Maria Cristina Mineiro Scatamacchia**

*Dorath Pinto Uchôa**

RESUMO: O objetivo é fazer algumas considerações sobre a natureza e as evidências de contato com o europeu existentes nos sítios arqueológicos do litoral de São Paulo. Os sítios Itaguá e Mineração, localizados respectivamente no Norte e Sul da costa paulista, contém contas e peças metálicas de procedência européia, assim como cerâmica indígena aculturada. Esses elementos comprovam o tipo de relação entre indígenas e europeus, descrito na documentação textual do século XVI.

No século XVI o litoral de São Paulo era ocupado por grupos horticultores ceramistas, pertencentes à família lingüística hoje conhecida como tupi-guarani, segundo os relatos dos europeus que entraram em contato com eles.

A documentação textual sobre estes grupos é abundante e tem sido objeto de vários estudos (Brochado, 1991, Scatamacchia, 1981, 1990), sendo que o mesmo não acontece com os vestígios materiais na costa paulista. O pequeno número de sítios arqueológicos destes grupos pode ser atribuído tanto à rápida urbanização desta região, como à falta de interesse neste tipo de ocorrência no período inicial da pesquisa arqueológica no estado (Scatamacchia, 1980)¹.

As pesquisas que tiveram como objeto de estudo os sítios cerâmicos são recentes, com trabalhos produzidos a partir da década de setenta (Myasaki, 1976; Uchôa, Scatamacchia e Garcia, 1984). Para completar o quadro vale a pena mencionar as informações mais antigas sobre encontro de objetos indígenas no litoral sul, contidas nas obras

* Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

1 Após uma análise bibliográfica sistemática pudemos constatar que os primeiros trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Estado de São Paulo tiveram duas preocupações básicas: o estudo dos sambaquis e das teorias sobre a antigüidade do homem americano.

de Krone (1914) e a de Pereira Jr. (1965). Trabalhos mais recentes no município de Iguape podem fornecer material complementar.

O contato entre culturas é um tema que tem interessado os etnólogos há muito tempo, existindo uma literatura substancial sobre o assunto. O interesse da arqueologia sobre o tema é mais recente, sendo que o estudo de situações de contato cultural é um dos que pode permitir à arqueologia fazer contribuições para a teoria geral antropológica.

Mesmo nos casos onde existem registros escritos, estes não são indicativos precisos, pois situações que envolvem longo período de tempo não podem ser estudadas através do método direto de observação. Mas podem ser observadas materialmente no contexto arqueológico.

Algumas situações de contato tem sido evidenciadas no Brasil, tanto entre diferentes culturas indígenas como entre estes e os europeus.

Em São Paulo, algumas situações que indicam seguramente o contato com o europeu puderam ser evidenciadas no contexto de sítios localizados respectivamente no litoral norte e sul de São Paulo.

Dois aspectos observados no contexto arqueológico merecem ser discutidos, para um estudo sistemático desta situação, a natureza do contato e suas evidências.

O povoamento do Litoral Paulista no séc. XVI

As várias fontes textuais comprovam uma posição que parece clara: de Cananéia para o sul estavam os carijós; e de Angra dos Reis para o norte, os tupinambás e tamoios. Entre estas duas nações estavam os tupiniquins, cujos limites não estão bem definidos em virtude da pouca informação existente sobre esta área, principalmente para aquela que vai de Itanhaém até Cananéia.

Hans Staden falando sobre a região de São Vicente descreve que:

“Os portugueses que aí moravam são amigos de uma tribo de selvagens brasileiros, os tupiniquins, cuja região se estende em oitenta milhas para o interior da terra e quarenta ao longo da costa. Ao norte e ao sul habitam inimigos desta tribo. Os inimigos

ao sul são os carijós, os do norte chamam-se tupinambás. (1557; 1972:72)

Semelhante afirmação pode ser encontrada no Tratado Descritivo do Brasil em 1587:

“Já fica dito como os tamoios são fronteiros de outro gentil, que se chamam Guaianases, os quais tem sua demarcação ao longo da costa por Angra dos Reis, e daí até o rio de Cananéia, onde ficam vizinhando com outra casta de gentios, que se chamam Carijós. Estes Guaianases tem continuamente guerra com os Tamoios, de uma banda, e com os Carijós de outra, e matam-se uns aos outros cruelmente. (1587; 1971:115)

Por sua vez Fernão Cardin faz menção concordante:

“Outra nação se chama Carijó, habitam além de San Vicente como oitenta léguas, contrário aos tupiniquins de San Vicente...” (1601; 1978:123)

Com relação ao litoral norte, Hans Staden foi o primeiro a informar sobre a vida dos indígenas, quando relata a sua condição de prisioneiro dos tupinambás. Descreve a aldeia em que esteve, situada na região de Ubatuba, e menciona outras localizadas nas proximidades de São Sebastião².

O Sítio Arqueológico de Itaguá, localizado em Ubatuba, foi culturalmente identificado como de tradição Tupi e cronologicamente parece corresponder a uma ocupação recente, contemporânea à chegada dos europeus. A presença de contas de vidro, uma peça de metal e formas cerâmicas aculturadas, evidenciam o contato deste grupo com o europeu (Uchôa, Scatamacchia e Garcia, 1984). Pesquisas mais intensas poderão determinar a correspondência deste sítio com aquelas aldeias mencionadas por Hans Staden.

2 Hans Staden na realidade refere-se a duas aldeias com a denominação de Ubatuba. Aquela que ficou prisioneiro provavelmente estaria situada na Baía de Angra dos Reis, no Estado de Rio de Janeiro e a segunda, que foi apenas visitada por ele, é que deve corresponder à atual Ubatuba, localizada em São Paulo.

O litoral central — Santos e São Vicente — é apontado como sendo despovoado na época da chegada dos primeiros europeus, situação que é documentada por Frei Madre de Deus:

“Este território e toda a costa circunvizinha, assim para o norte, como para o sul, pertencia a várias aldeias situadas no campo, sobre as serras; as ilhas de São Vicente e Santo Amaro, e também a terra firme adjacente e suas praias, defendiam os índios, pela única conveniência de neles pescarem e mariscarem. Eis aqui a razão porque Martim Afonso não viu aldeia alguma depois que passou a enseada dos Maramomis”³. (1975:44)

E continua mais adiante:

“Nos arquivos e sesmarias, onde cada passo se encontram aldeias situadas noutras partes, não acho o menor vestígios de alguma mencionada na porção da costa: as primeiras de que estavam adiante do rio de Itanhaém, e nenhuma acho para o norte, antes de chegar a enseada dos Maramomis”. (IBID.: 55)

Arqueologicamente a presença destes grupos nesta região é determinada por vestígios isolados como os mencionados por Myasaki (1977) na Praia Grande e, Pereira Jr. (1965) para Peruibe.

As informações textuais sobre o povoamento do litoral sul de São Paulo não são tão detalhadas como as que se referem à costa norte do Estado, e decorrem das notícias fornecidas pelas expedições que se dirigiram para o rio da Prata.

As referências contidas no relato de Cabeza de Vaca, no diário de Pero Lopez de Souza, nas cartas de Diego Garcia Ramirez são de caráter geral.

Em todos estes textos, pertencentes mais ou menos à mesma época⁴, aparece com destaque a menção à figura do Bacharel, dado

3 A Enseada dos Maramomis corresponde à região de São Sebastião, localizada no litoral norte de São Paulo.

4 Comentários de Cabeza de Vaca datam de 1541; o diário de Pero Lopez, 1929; as cartas de Diego Garcia e Luiz Ramirez são de 1529/27 e 1528, respectivamente.

como estando na região há mais de 30 anos, em um relação amistosa com os índios, sem dar descrições pormenorizadas sobre o modo de vida destes grupos⁵.

Os vestígios arqueológicos sobre estes grupos mencionados por Krone (1914) referem-se basicamente a achados isolados, constituídos por fragmentos cerâmicos e urnas funerárias. Entretanto a estas primeiras informações podem ser somadas atualmente os dados provenientes das pesquisas sistemáticas realizadas na região por uma das autoras.

A própria cidade de Iguape está situada sobre uma antiga aldeia indígena, fato comprovado pelo resgate de vários fragmentos cerâmicos em ruas dentro do perímetro urbano da cidade antes do calçamento, e do achado de uma urna atrás da Igreja Matriz por trabalhadores da rede de água.

O levantamento arqueológico realizado ao longo do Mar Pequeno, próximo a Iguape, evidenciou mais três aldeias de grupos ceramistas pertencentes a esta mesma tradição, com vestígios de material europeu. Entretanto, em virtude da intensa intervenção antrópica nestes sítios, somente no caso do sítio Mineração este material intrusivo pôde ser encontrado no seu contexto original, comprovando a contemporaneidade dos artefatos de procedência européia com os indígenas.

A natureza do contato cultural

A situação de contato cultural é identificada arqueologicamente pela presença de uma cultura ou de elementos de uma cultura estranha àquela presente em uma área.

A intrusão é relativamente fácil de estabelecer quando a cronologia da área envolvida é conhecida. Um elemento é considerado intrusivo em uma área quando ocorre em um período posterior ao da cultura primitiva da área.

5 O costume da antropofagia é o único descrito em todos os textos.

Existe a proposta classificatória⁶ que distingue entre dois tipos de situações de contato, uma quando existe a intrusão de uma cultura como um todo, outra se refere apenas à presença de traços isolados. O primeiro caso pode ser reconhecido com a presença de sítios, de um nível de ocupação ou de um componente que interrompe a seqüência de ocupação. Quanto aos traços, estes são identificados pela presença de artefatos, de atributos estilísticos ou tecnológico que se diferenciam do padrão existente da maioria daqueles que pertencem à determinada área. Este último tipo pode ser resultado de relações ocasionais por comércio ou relação de vizinhança, ou produto de observação direta.

O resultado do contato cultural como aparece no registro arqueológico, pode ser muito sutil, envolvendo pouco ou nenhuma mudança nas culturas participantes. Somado a este fato, resta lembrar o caráter parcial da cultura material que permanece no contexto tropical.

No caso dos sítios analisados no estado de São Paulo, a situação se enquadra naquela onde ocorre apenas a intrusão de traços.

“This type covers the movement of actual objects (trade objects), including raw materials (shells, amber, obsidian, etc.) and manufactured object (metal, tools, glass beads, porcelain dishes, etc). It also includes imitations of foreign objects where the copy is so close that no deliberate modification of its design by the maker is suggested, and movement of technological features

6 “The culture contact situations which we have classified are grouped in eight types as follows:

A. *Sit-unit intrusion*

A₁ — Retention of cultural identity with little trait change

A₂ — Fusion with dominance of the resident culture

A₃ — Fusion with dominance of the intruding culture

A₄ — Fusion followed by revival of the resident culture

B. *Trait-unit intrusion*

B₁ — Adoption of the trait-unit without modification and without fusion of the introduced trait-unit with corresponding elements in the receiving culture

B₂ — Fusion with dominance of the corresponding part of the receiving culture

B₃ — Fusion with dominance of the intruded trait-unit in the aspect of culture involved

B₄ — Fusion with emergence of new traits which have no obvious antecedents in the trait-units or the receiving culture”(Willey; 1956:8)

when there is no major change either in the introduced process or in the receiving culture.” (Willey, 1956:19)

Assim, podemos identificar no contexto arqueológico a presença de material europeu que se sobressai junto à produção indígena e de artefatos aculturados, onde pode ser observada a mudança de um padrão aceito por outro de origem diferente. Este último aspecto pode ser observado principalmente na morfologia e decoração da cerâmica.

No caso de artefatos, estes podem ser resumidos em contas de vidros e peças de metal. A aculturação pode ser observada nos objetos cerâmicos, onde aparecem bases planas, alças e padrões decorativos derivados dos florões europeus, estranhos à decoração indígena tradicional.

A presença destes elementos parece ter sido produto da troca que os primeiros europeus fizeram com os habitantes nativos para alcançar algumas espécies naturais.

Esta postura pode ser bem ilustrada com a lista existente no texto de Gonneville com os elementos que foram embarcados com a finalidade específica de servirem como objeto de troca pelos navegadores.

“6-Mercadorias de permuta.

Enquanto a mercadorias o navio foi carregado:

De pannos de diversas qualidades, 300 peças

De maxados, pás, foices, anchinhos, total 4 milheiros.

2.000 pentes de varias qualidades

50 duzias de espelhos pequenos

6 quintaes de missanga de vidro

8 ditos de quincalharias de Roven

20 grozas de facas e navalhas

1 fardo de alfinetes e agulhas

20 peças de droguete

30 ditas de fustão

4 ditas de pano escarlates e mais 8 duzias de diferentes cores

1 dita de veludo pintado e algumas de veludo dourado

E dinheiro de prata, que sabiam ser mais aceito na Índia do que de ouro

E tudo como costumam os portugueses caregar para terem lá e no caminho as couzas de melhor tráfico”. (1505, 1886:336)

Gonneville além de fornecer a lista das mercadorias comenta sobre o acolhimento dado aos europeus quando do seu desembarque no Sul do Brasil, nas proximidades de Santa Catarina:

...“Assim eram os Cristãos temidos por elles; e em consequencia de pequenas liberalidades, que lhes fazem de pentes, facas, machados, espelhos, missangas e outros avelorios tão apreciados por elles, que para: os adquirir de boamente se despedaçariam, trazendo abundancia de carne e peixe, frutas e viveres, e tudo quando viam ser agradavel aos cristãos, como neles, plumas, e raizes de tinturaria; em permuta do que se lhes dava quinquilharias e os outros artefactos de pequeno valor; e assim reuniram-se perto de 100 quintaes dos mencionados generos, que em França dariam bom preço” (op. cit. 343)

Este comentário dá o tom sobre o tipo de troca que era feita. Entretanto a curiosidade e a vontade de trocar objetos já aparecem registradas na carta de Pero Vaz de Caminha:

“Eles ofereciam arcos e flechas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que lhes fosse dada”. (1500, 1985:86)

As referências textuais sobre este tipo de relação no litoral de São Paulo, confirmam estas colocações iniciais.

Pero Lopez de Souza falando sobre a hospitalidade dos indígenas situados nas proximidades de Cananéia, no Sul do Estado:

...“ E elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nem queria ir, mandaram hũa almadia por pescado; e foi e veio em tamanha brevidade, que

todos ficamos espantados: e deram nos muito pescado; e eu mandei-lhes dar muitas cascaveis e christallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam sair fora o seu siso: e assi que despedi delles.” (1529, 1964:52)

O interesse e a posse de artefatos de europeus pelos indígenas que habitavam o litoral paulista foi relatado também por Hans Staden:

“ O principal da canoa em que estava possuía um arcabuz, e um pouco de pólvora, que obtivera de um francês em troca de pau-brasil”. (1555, 1974:83)

Em outra passagem do seu relato aparece claramente a valorização destas mercadorias de troca, requeridas pelos indígenas sob a forma de resgate para a sua liberdade:

...“ Não queriam entregar-me a ninguém, a menos que viessem em pessoa meu pai, ou meus irmãos, e lhes trouxessem um navio cheio de mercadorias, principalmente machados, espelhos, facas, pentes e tesouras, e lh’as dessem. Pois haviam me encontrado em terra dos inimigos, e eu lhes pertencia...” (op. cit.:111)

É ainda no relato de Hans Staden que aparece a notícia específica sobre a existência deste “comércio” com os indígenas, quando menciona a chegada de um navio francês que tinha vindo buscar algodão e pau-brasil.⁷

“Cerca de oito dias antes do início da expedição guerreira, chegou um navio francês em um porto, que dista oito

7 Vale a pena lembrar que Hans Staden esteve prisioneiro dos Tupinambás, aliados aos franceses.

milhas de Ubatuba, ao qual os portugueses chamam Rio de Janeiro, e os índios, Niterói. Aí costumam os franceses fazer carregamento de pau-brasil. Vieram num bote também até nossa aldeia e compraram dos índios pimenta, macacos e papagaio". (op. cit.:122)

Assim, o que observamos é que a natureza do contato existente entre a população indígena da costa com os primeiros europeus foi de caráter esporádico, dentro do espírito destas primeiras expedições que visavam a aquisição de riquezas e espécies exóticas. Esta colocação pode ser confirmada pelas evidências deste contato resgatadas nos sítios do litoral de São Paulo.

As evidências do contato

Sítios arqueológicos com características semelhantes às aldeias descritas na documentação textual pelos europeus, puderam ser evidenciadas no litoral paulista contendo elementos que atestam o contato.

As evidências, tanto da ocupação indígena como da presença europeia, restringem-se aos materiais não-orgânicos que resistiram ao clima tropical, com um processo de degeneração acentuado pela umidade litorânea. São objetos isolados, que correspondem ao elenco que integrava as mercadorias embarcadas visando o intercâmbio.

Entre os objetos encontrados, as contas de vidros são as mais significativas como diagnóstico de contato com o europeu. Contas semelhantes foram registradas no Sul do Brasil em outros sítios por Schmitz (1958); Brochado (1969, 1971) e Chmyz (1979).

O material metálico, muitas vezes não identificado precisamente, deve ter tido grande aceitação entre os indígenas, dada a possibilidade de utilização em diversas atividades, substituindo com vantagem os outros materiais empregados.

O sítio do Itaguá, no litoral Norte, e o sítio Mineração, no Sul, que foram escavados sistematicamente, podem oferecer dois bons exemplos de vestígios da primitiva relação entre os indígenas do séc. XVI e os europeus. (Fig. 1)

O Sítio de Itaguá

O sítio de Itaguá está situado na região de Ubatuba, litoral norte de São Paulo, a 22°26' Lat. S e 45°05' longitude W sobre uma pequena elevação cristalina isolada na planície costeira, de formação sedimentar halocênica mista e marinha. Próximo à elevação há um pequeno curso d'água conhecido como rio da Lagoa, que durante a preamar sofre influência da água salgada, ocorrendo em suas margens vegetação típica de mangue.

A área, considerado-se as ocorrências de superfície é de $\pm 580 \text{ m}^2$, onde foram registradas espessuras entre 0,56 m e 0,35 m para o estrato arqueológico⁸.

As evidências da ocupação, são constituídas por artefatos, vestígios de material lítico e outros traços, como restos de fogueiras, grande quantidade de carvão em toda área, buracos de estacas e restos de um sepultamento.

Os artefatos estão representados por 4 contas de vidros, de procedência européia, sendo uma completa e 3 fragmentadas, 1 pequeno disco de cobre e material cerâmico de produção indígena, num total de 3.034 fragmentos e 8 peças completas. A maioria do material lítico é constituído por lascas grosseiras, sem nenhuma peça significativa.

As contas que estão fragmentadas são formadas por três camadas: a central de cor azul escuro, a intermediária branca e a externa, azul cobalto. Apresentam seção mais ou menos quadrangular, com cantos arredondados, torcidos sobre o eixo, formando suave espiral. O acabamento nas extremidades foi obtido por desgaste dos ângulos, tornando visível lateralmente as camadas internas de cor branca e azul escuro. A espessura variou de 7,3 mm a 4,5 mm. A conta inteira também é composta de três camadas, sendo a central de cor ligeiramente azul, quase incolor, a intermediária branca e a externa azul turquesa. O acabamento das extremidades recebe o mesmo tratamento das demais. Apresenta as seguintes dimensões: comprimento 32,8 mm; espessura 6,0 mm e diâmetro da perfuração 2,5 mm (Fig. 2).

8 Foram escavados 342 m², divididos em quadriculas de 4 m² e 2 m² em níveis artificiais de 10 cm.

A peça metálica encontrada é um disco de cobre com diâmetro de 135,7mm e espessura de 1,8 mm. Apresenta as superfícies corroídas (Fig. 3).

Quanto ao material cerâmico, as formas completas e as que puderam ser inferidas, correspondem aos padrões gerais já conhecidos deste grupo evidenciado no contexto arqueológico e na documentação etno-histórica, e já foi descrito em outro lugar (Uchôa, Scatamacchia e Garcia, 1984.). Vale a pena ressaltar a presença de vasilhas de contorno de boca, ovóide, retangular, elíptico e quadrangular, características deste período.

Entre o material cerâmico existe uma peça (Fig. 4) de grande interesse para o estudo de contato cultural, pois nela estão cristalizadas os elementos resultantes da influência deste encontro. Corresponde a um exemplo típico do processo de aculturação, pois a forma corresponde à cópia de um prato europeu, com técnica indígena, mas representando um padrão de pintura existente em louça portuguesa do séc. XVI e que foge aos padrões típicos decorativos deste grupo.

A presença desta peça cerâmica com forma aculturada exclui a possibilidade do material europeu ter sido depositado em época posterior a ocupação do sítio, uma vez que não possuímos uma datação absoluta⁹.

O Sítio Mineração

O sítio Mineração encontra-se sobre um terraço de origem marinha, próxima à Barra de Icapara, litoral Sul do Estado de São Paulo, a 24°41" S e 47°28" W, localizado sobre a extensa planície denominada formação Cananéia. Circundam o sítio dois riachos, o Itapuava e o Cajuva, que desaguam no mar.

A área do sítio é de aproximadamente 900 m², sendo que metade

9 A data obtida pelo método de C¹⁴, de A.D. 1290 não foi aceita por corresponder a um período anterior ao descobrimento do Brasil, em um sítio com um único componente, atestado não só pela espessura do estrato arqueológico como também pela homogeneidade do material cultural.

dele havia sido destruída pela retirada da areia. A área escavada corresponde a 300 m². Tendo sido observado um extrato arqueológico entre 0,30 m e 0,40 m.

O registro da ocupação do sítio é constituído por artefatos cerâmicos e líticos, restos de fogueira de variados tamanhos, buracos de estaca, além de outros materiais de origem européia.

Várias peças cerâmicas completas e outras que puderam ser reconstituídas a partir da análise do grande número de fragmentos existentes na área¹⁰, colocou este material dentro do padrão já reconhecido para o grupo e pode ser considerado a grosso modo semelhante àquele encontrado no sítio do Itaguá. Dentro da categoria cerâmica está presente também o contorno de boca elíptico, além de peças de base plana e com motivos florais que atestam a inclusão de um tipo de desenho alheio à produção original indígena. Podemos resgatar também fragmentos de louça européia, que talvez tenham servido de inspiração para esta inovação estilística. (Fig. 8)

O material lítico é constituído por peças rústicas sem caracterização especial, com exceção de um tembetá de disco.

Em vários pontos do sítio foram encontrados fragmentos de metal, que devido ao avançado estado de deteriorização não puderam ser imediatamente identificados. São constituídos por porções de seção circular e sob a forma laminar. Como alguns foram encontrados na mesma trincheira talvez possam ter pertencido a uma mesma peça (Fig. 5).

Vale a pena chamar a atenção para uma lâmina metálica (fig. 6), encontrada dentro de uma urna funerária e que teve o seu gume retoçado com uma técnica própria para material lítico. Representa um exemplo claro da adoção de um artefato externo ao grupo, sem a incorporação da técnica de produção.

Fato que está de acordo com a observação de Hans Staden de como utilizam os artefatos metálicos recebidos dos europeus:

“Antigamente, antes de lhes virem os navios a terra, empregavam os índios uma espécie de pedra azulada na fabricação de

10 O material ainda está sendo analisado, tendo sido examinadas mais ou menos 20.000 fragmentos.

cunhas, e ainda o fazem em muitas regiões que não são procuradas pelos navios. Afiam a borda mais larga da pedra... Tomam então uma pequena vara, dobram-na por sobre a cunha e amarram-na com embira.

A mesma forma tem também as cunhas de ferro que lhes dão os cristãos, em algumas povoações. Aí, porém, arrasam o cabo de outra maneira perfurando o pau e enfiando a cunha no buraco. Isto é o seu machado, com o qual racham” (op. cit. 162).

De origem européia também foram encontradas duas contas, uma redonda e outra retangular, tipo canudo. São de tonalidade azul, medindo a redonda 9 mm de diâmetro e a retangular 30 mm de comprimento 2 mm de diâmetro. (Fig. 7)

As datas conseguidas através do método de C^{14} atestam cronologicamente a convivência das duas culturas¹¹.

Resumindo os dados comentados, o quadro abaixo reúne as evidências do contato:

TIPO DE MATERIAL	SÍTIO	
	SÍTIO ITAGUÁ	SÍTIO MINERAÇÃO
Contas	4 retangulares — cor azul	1 redonda — cor azul 1 retangular — cor azul
Metal	1 disco de cobre	1 lâmina de cobre 7 fragmentos de ferro fundido
Louça européia		1 fragmento
Cerâmica aculturada	— prato com forma européia e decoração floral — bases planas	— fragmentos de prato com decoração floral — bases planas

A pequena quantidade de material de origem européia demonstra um contato esporádico característico dos primeiros anos da colonização, mesmo considerando o que era perecível e o que deve ter sido carregado pelo grupo ao abandonar o sítio.

¹¹ As datações realizadas pelo Cena (USP) deram os seguintes resultados: 520±60; 550±60; 560±60; 450±60.

Considerações finais

O tipo de contato que pudemos evidenciar no litoral paulista pertence àquele que envolve traços isolados, constituídos por objetos. Marca um período da colonização que antecede ao da imposição cultural que aparece posteriormente com os aldeamentos e missões.

A exploração do território e das riquezas imediatas de comercialização resulta nesta relação de troca, registrada no contexto arqueológico pela presença dos objetos valorizados e de grande aceitação pelos indígenas, principalmente as contas e as peças metálicas. Estes elementos substituíram os que eram utilizados na cultura indígena pelas facilidades que ofereciam. No caso do metal a facilidade na execução de tarefas realizadas com artefatos de pedra. Quanto às contas, descritas na documentação textual como de produção trabalhosa, estavam disponíveis prontas e em grande quantidade e variedade.

Ainda segundo os textos do séc. XVI, a posse de objetos europeus pelos indígenas, no litoral de São Paulo é decorrente tanto da troca com portugueses como com franceses, dependendo dos grupos em questão. O que pudemos observar é que os objetos neste período foram dados, além da busca de aliança, em troca de alimentos, principalmente os portugueses e de pau-brasil e especiarias, pelos franceses.

A utilização de uma classificação como referência pode facilitar a identificação do material arqueológico de contato, e permitir uma comparação de situações sobre o encontro da cultura indígena com a europeia.

Dentro de uma tipologia estabelecida, a presença de alguns objetos de origem europeia possibilita a inclusão imediata em um quadro cronológico resultante da política colonizadora portuguesa.

ABSTRACT: The euro-indigenous contact through the archaeological sites of São Paulo State. — The aim is to do some considerations about the contact nature and remains with the european in the archaeological sites of São Paulo's seaside. The Itaguá and Mineração sites, situated in the north and south of São Paulo's coast, have beads and metallic pieces of european origin, as well as acultured indigenous ceramic. These elements prove the kind of relationship between natives and europeans, as described in the textual documentation of the XVI century.

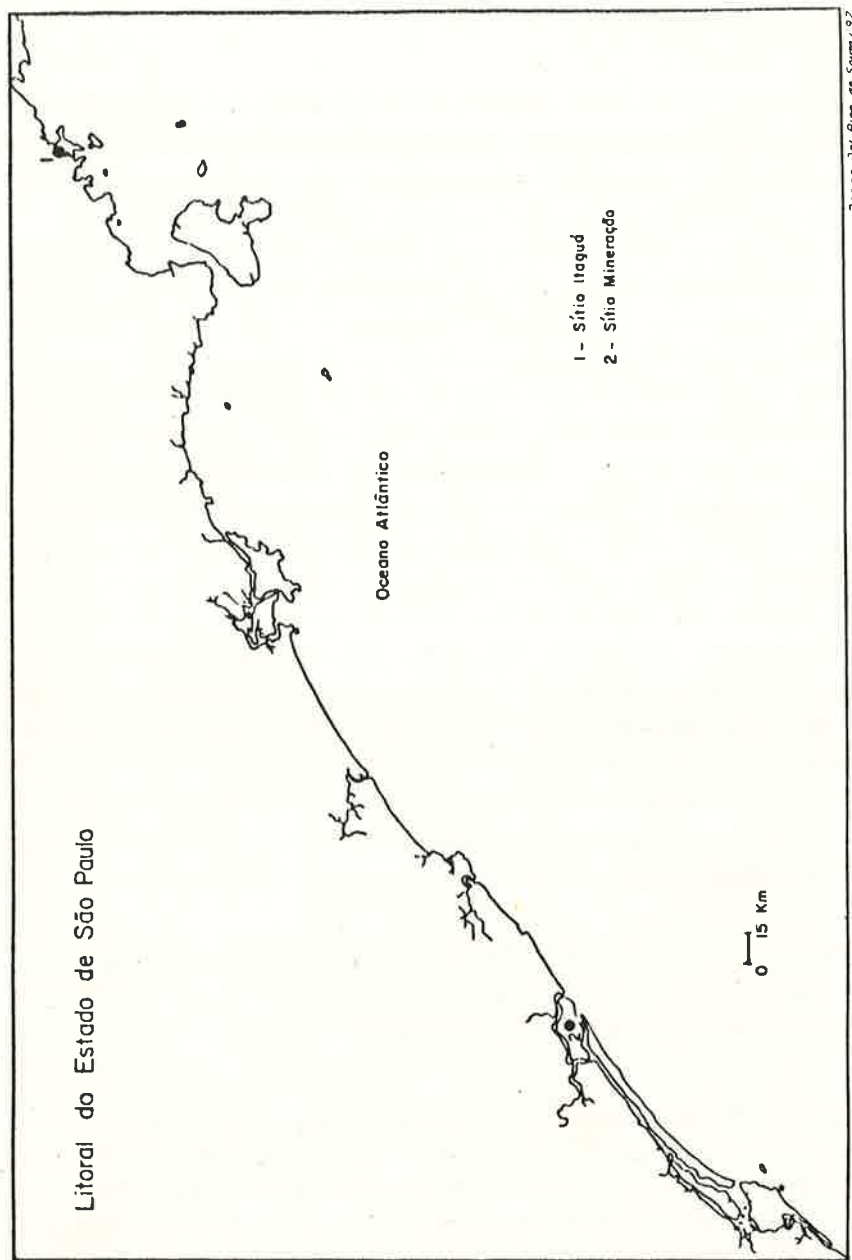


Figura 1 — Mapa do Litoral de São Paulo mostrando a localização dos Sítios Itaquê e Mineração.

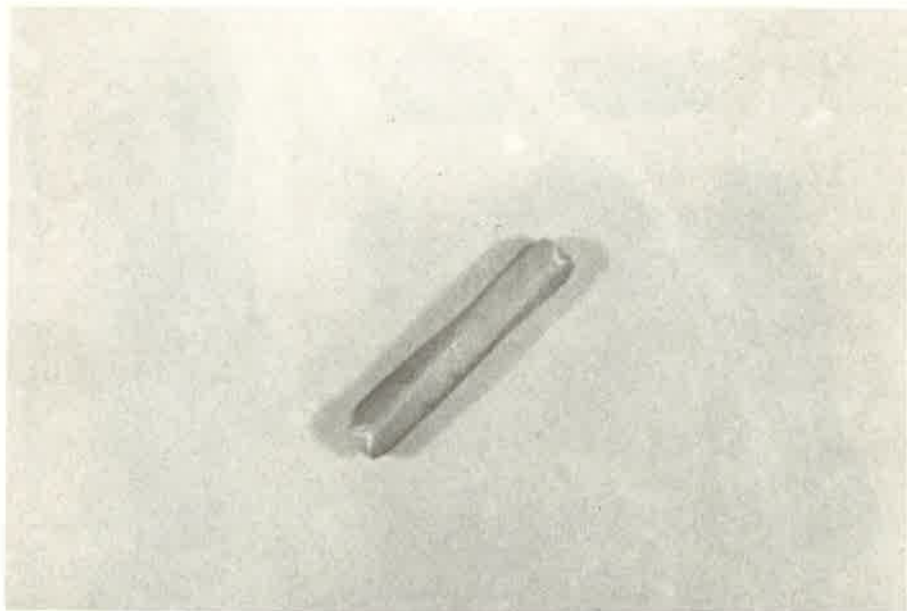


Figura 2 — Conta encontrada no Sítio Itaguá.

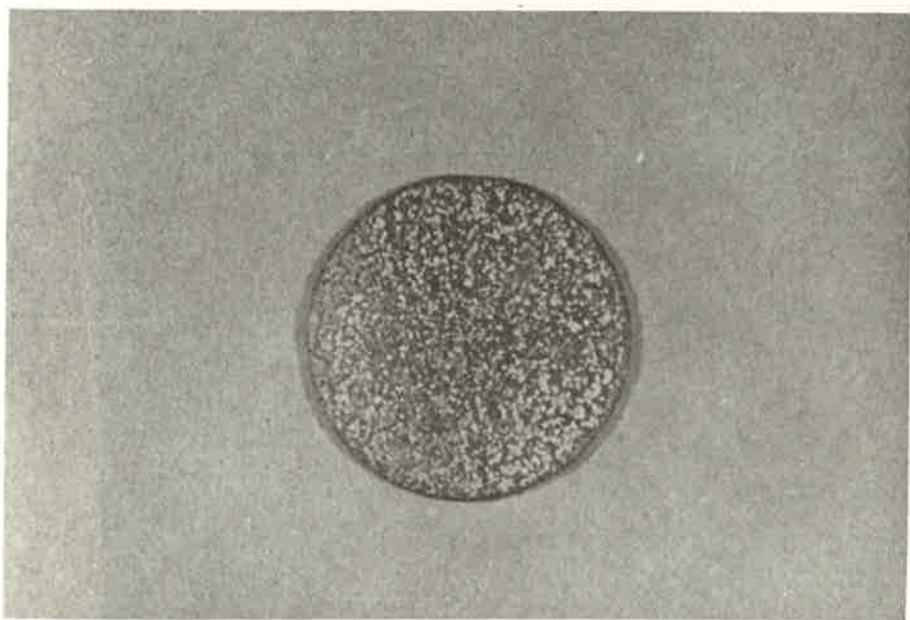


Figura 3 — Peça metálica encontrada no Sítio Itaguá.

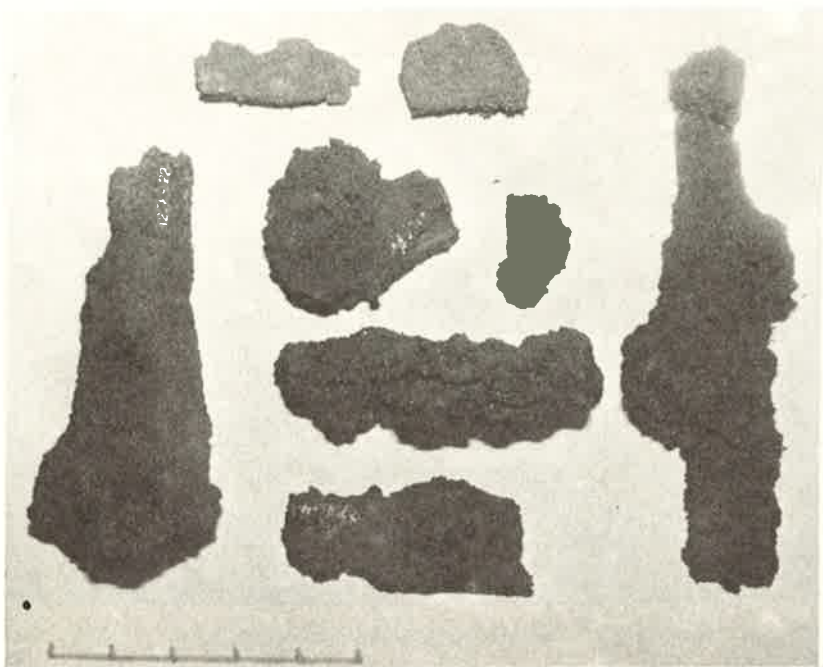


Figura 5 — Fragmentos metálicos encontrados no sítio Mineração.

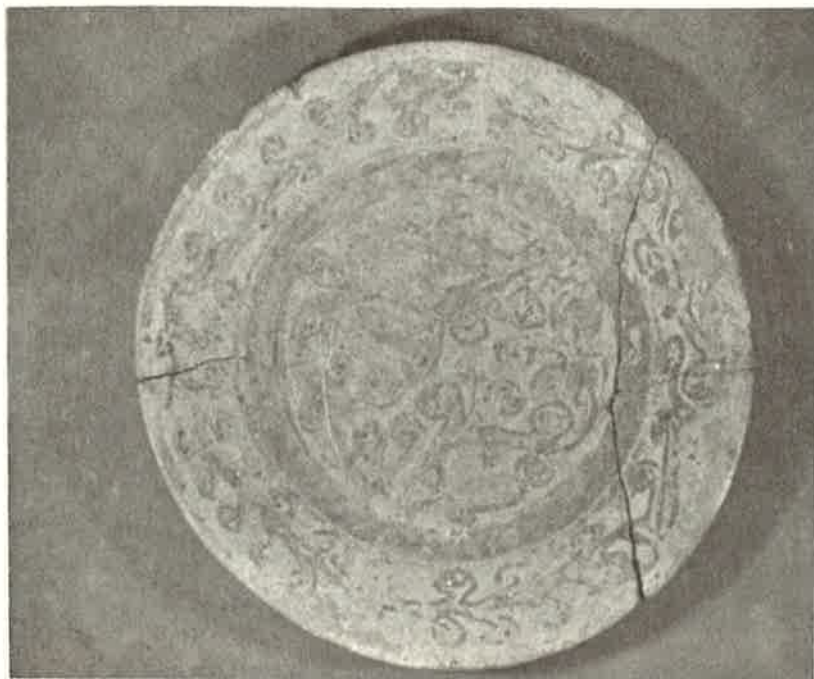


Figura 4 — Prato de cerâmica indígena com traços morfológicos e decorativos de origem europeia.



Figura 6 — Lâmina metálica encontrada dentro de uma urna com sepultamento, Sítio Mineração.

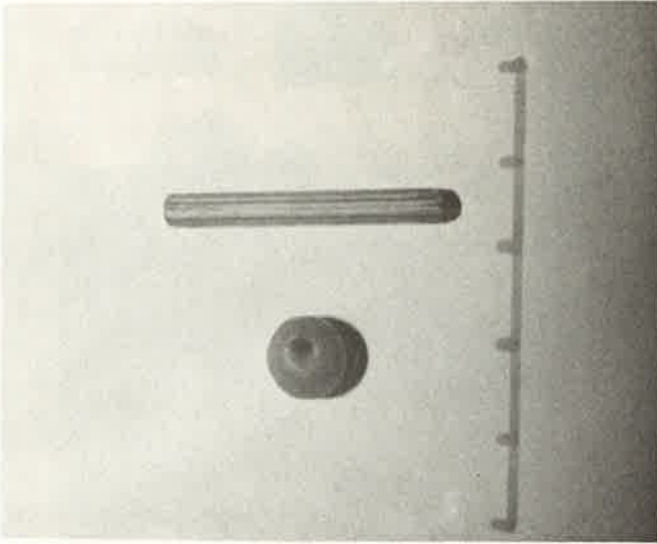


Figura 7 — Contas encontradas no Sítio Mineração.

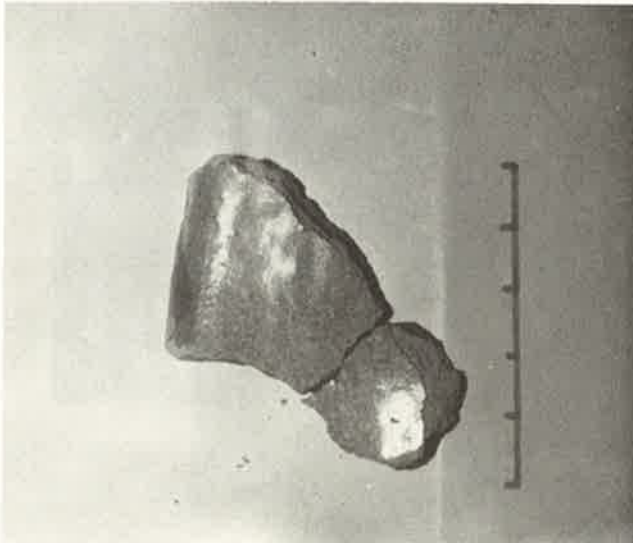


Figura 8 — Fragmentação de louça europeia encontrado no Sítio Mineração

SCATAMACCHIA, M. C. M. e UCHÔA, D. P. O contato euro-indígena visto através de sítios arqueológicos do Estado de São Paulo. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 7:153-173, 1993.

Bibliografia

- BROCHADO, José P. — “What did the tupinambá cook in their vessels? An humble contribution to ethnographic analogy”. *Revista de Arqueologia*, vol. 6, 1991, 40-88.
- _____. “Pesquisa Arqueológicas dos valês de Ijuí e Ibicuí” in *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Resul. Preliminares do Terceiro ano: 1967 — 1968, Publ. Avulsas, nº 13, Museu Paraense Emílio Goeldi — Belém, 1969, p. 31-62.
- _____. “Pesquisas Arqueológicas dos vales de Ijuí e Ibicuí” in *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Resultados Preliminares do quarto ano 1968-1969. Publ. Avulsas nº 15. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém 1971, p. 11-31.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nunez — *Comentários*, Biblioteca de Autores espanhóis. Historiadores Primitivos de Indias Madrid, 1946 p. 549-599.
- CARDIN, Fernão — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Brasiliense, vol. 168, 3ª ed. Ed. Nacional, São Paulo.
- CASTRO, Silvio — *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, LPM ed, Porto Alegre, 1988.
- GARCIA, Diego — “Carta” — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Do Brasil*, XV (1852) 2ª ed. Rio de Janeiro, 1888, p. 6-14.
- GONNEVILLE P. — “Relação Autentica”. *Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Tomo XLIX, vol. 20, Rio de Janeiro 1886 — p. 333-360.
- KRONE, Ricardo — *Informações Etnographicas do Ribeira de Iguape*. 2ª ed. Comissão Geographica e Geologica do Estado de Sao Paulo, Sao Paulo, 1914, p. 23-24.
- LOPES DE SOUSA, Pero — *Diário de Navegação*. Ed. Obelisco, São Paulo, 1964.
- MADRE DE DEUS, Frei Jasper — *Memória para a História da Capitania de São Vicente*, Itatiaí/EDUSP, B. Horizonte, São Paulo, 1975.
- MYZAKI, Nobue — “Brastubos 1976: um sítio arqueológico em Dunas, município de Praia Grande, Estado de São Paulo”. *Revista do Museu Paulista*, n.s. 24. São Paulo, 1977, p. 31-158.
- PEREIRA JR, José Anthero — “Cerâmica Arqueológica Indígena de Peruíbe: primeiras informações”. *Apontamentos Arqueológicos* 8, São Paulo, 1965.
- RAMIREZ, Luiz — “Carta” — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, XV (1852) 2ª ed. Rio de Janeiro 1888, p. 14-41.
- SCATAMACCHIA, M. Cristina Mineiro. *Tentativa de Caracterização da Tradição Tupiguarani* — Tese de mestrado. FFLCH/USP, 1981.
- _____. “A ocupação tupi-guarani do Estado de São Paulo: fontes etno-históricas e arqueológicas”. *Dedalo* nº 25, São Paulo, 1984, p. 197-221.
- _____. *A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul Evidenciada pela Ocupação Guarani e Tupinambá: Fontes Arqueológicas e Etno-históricas*. Tese de doutoramento. FFLCH/USP 1990.
- SCHMITZ, Pedro I — “Paradeiros Guaranis em Osório”. *Pesquisas*, 2, Porto Alegre, 1958, p. 114-143.
- SOUZA, Gabriel Soares — *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Ed. Nacional, São Paulo, 1971.
- STADEN, HANS — *Duas Viagens ao Brasil*. Ed. da Universidade de São Paulo/ed. Itatiaia, Belo Horizonte, São Paulo, 1979.
- UCHÔA, Dorath; SCATAMACCHIA, M.C.M. e GARCIA, C. del Rio — “O Sítio de Itaguá. Um sítio de contato no litoral do Estado de São Paulo, Brasil”. *Revista de Arqueologia*. v. 2, nº 2, 1984, p 51-59.
- WILLEY, Gordon — “An archaeological classification of culture contact situations”. *Society for American Archaeology Memoir*, nº 11 (1956) p 1.30.
- CHMYZ, Igor — *Projeto Arqueológico Itaipu — IV*, Curitiba, 1979.